

BIENNALE
DEI
GIOVANI ARTISTI
DELL'AREA
MEDITERRANEA

Lisbona 1994

RASSEGNA STAMPA
2^a EDIZIONE

Vol. 1

RECORTE

ORGANIZAÇÃO PORTUGUESA DE RECORTES NA MODA S.A.
SEDE: AV. DA LIBERDADE, 100 - 1.º ANDAR - LISBOA

Correio da Manhã

Lisboa

318

Edição nº 005677 de 18/11/94

Jovens criadores na Gare Marítima

A Gare Marítima de Alcântara, em Lisboa assistirá, hoje, pelas 22 horas, ao desfile de moda de apresentação da sétima edição da Bienal dos Jovens Criadores da Europa e do Mediterrâneo.

Nesta iniciativa participam os seguintes criadores: Ana Rafael Cavaco, Anibal de Almeida e Maria Gambina (Portugal); Maria Paschalides (Chipre); Cristina Munoz Balano, Núria Liácer Vidal e Isabel Berz (Espanha); Marika Pasqualato/Manento Alessandra, Zoom Ahead Studio, Subrizio Giovanni, Manuela Bonetti e Tamara Negrato (Itália); Luka Zan e Ursa Dras (Eslovénia); Susana Cepke (Crácia); Fotini Toska, Vassiliki Drossou (Grécia).

A entrada do público é livre.

RECORTE

ORGANIZAÇÃO PORTUGUESA DE RECORTE DA IMPRENSA LEM
53 ANOS AO SERVIÇO DA INFORMAÇÃO ESCOLAR

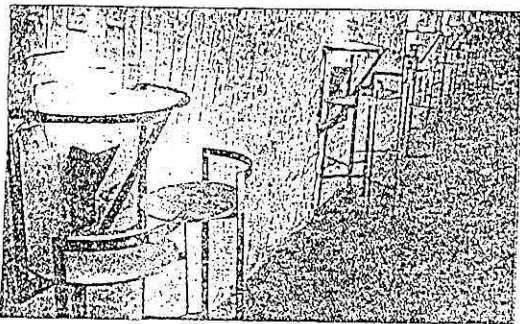
Sete

Listas

345

Edição nº 000543 de 16/11/74

10 GARTEJO SEMPRE EM FESTA



Tem saudades da época em que se dançava ao som dos Village People, Boney M., Sister's Sledge, Ritchie Family, Donna Summer e James Brown? Ótimo. Agora pode matar saudades nas noites de quinta-feira, na ampla pista da Gartejo. Melhor: pode dançar até suar com o extenso menu preparado por conhecidos disc-jockeys, como Kiki Kuski, João Pereira, João Chaves, Luís Oom ou João Vaz. Resta adiantar que, nessas noites revivalistas, tanto o cenário como os principais protagonistas (empregados, porteiros e músicos) estarão vestidos à época. Mas não é tudo. Na bem apetrechada sala de concertos, no primeiro andar, actua todas as semanas um grupo a condizer, As Bocas de Sino. Entretanto, o primeiro andar da Gartejo é, desde o passado dia 15, a sala principal de concertos promovidos no âmbito da realização da Bienal dos Jovens Criadores da Europa e do Mediterrâneo. Como o programa é amplo, convém assentar no filofax: dia 16, tocam os Coptic Rian (Eslovénia); a 18, os Gruppo Sanguineo (Itália); a 19, os Mayflower (Croácia); a 21, os Aroma Thalassi (Grécia); a 22, os Uptown (França); a 23, os Três Tristes Tigres; e no dia seguinte, a encerrar a festa, os Bizarra Locomotiva. Para mais informações consulta as páginas dedicadas a este evento nesta publicação.

GARTEJO

Av. de Ceuta, 38-48. Tel.: 3955977/ 78.

RECORTE

ORGANIZAÇÃO PORTUGUESA DE RECORTE DA IMPRENSA, LDA.
33 ANOS AO SERVIÇO DA INFORMAÇÃO ESCRITA

Pública

Lisboa

350

Edição nº 001701 de 2/11/74

BIENAL — LISTA COM-
PLETA — O grupo Coptic Rain,
que pratica vídeo-“performance”
techno-rock, da Eslovénia; os Pit 8,
misto de rock, electrónica e música
oriental, de Montpellier; os Up-
town, banda rap de Marselha; os
Modena City Ramblers, “combat
folk” irlandês feito em Itália; Mao e
la Rivoluzione, “psychosexydan-
ce”, isto é, uma misturada de esti-
los, também de Itália; Gruppo San-
guigno, “sentimental-porno”,
idem; o coral polifónico argelino
Inasliyen; Joanni Peikidis, que faz
música electrónica e vem da Gré-
cia; o grupo acid-jazz/funk Aroma
Thalassi, também grego; os May-
flower de Rijeka; J.J. Juana, “pun-
k-rock popular possante”, de Al-
meria, em Espanha, e Es Pecado,
de Málaga, são os convidados es-
trangeiros na área de música mo-
derna da Bienal de Jovens Criado-
res da Europa e do Mediterrâneo a
decorrer em Lisboa, a partir de 15
de Novembro e durante dez dias.
Do lado português, estarão repre-
sentados os projectos Bizarra Loco-
motiva e Três Tristes Tigres. ■

RECORTE

Público	
Lisboa	350

Edição nº 001720 de 21/11/94



A BIENAL dos Jovens Criadores da Europa e do Mediterrâneo não chegou a Lisboa na melhor altura. A "rentree" lisboeta está no auge e o público não tem muita disponibilidade para a programação cerrada da Bienal. Mesmo que houvesse (mas não há...) um grande interesse dos órgãos de Comunicação Social pelo evento, a organização não tem sido muito imaginativa na promoção e os espectáculos, nomeadamente os de teatro, não têm tido muito público.

O PÚBLICO conseguiu ver até agora uma única "performance", originária da Eslovénia e integrada na secção de Teatro: chamava-se "Egorilmi IX" e teria sido mais correcto inseri-la na secção de Música. No início dos anos 70, o músico José Alberto Gil (coadjuvado, imagine-se, pelo signatário desta prosa) promoveu em Lisboa concertos segundo o modelo deste concerto-conferência de Marko Peljhan, acompanhado ao clarinete por Grega-Tao Vrhovec-Sambolec.

Os verdadeiros protagonistas da "performance" são dois gravadores: um deles

grava o discurso do "speaker" e a música do instrumentista; logo a seguir, o outro gravador retransmite-a, gerando-se uma multiplicação e uma sobreposição de sonoridades que assim se auto-reproduzem e se auto-anulam. Só que, há 25 anos, nunca passou pela cabeça dos promotores destes divertimentos chamar-lhes teatro. Nem (ao contrário dos jovens eslovenos) se referiam a eles como se de um projecto científico se tratasse.

Hoje, 21, a programação teatral da Bienal fala português. Representa-se "Um Processo", espectáculo do Circulo de Iniciação Teatral da Academia de Coimbra (CITAC), baseado na obra de Kafka e dirigido por Paulo Lisboa. Entre o muito e bom teatro universitário a que 1994 assistiu, o trabalho do CITAC (que comemora 40 anos de actividade) destacou-se mais uma vez. Foi distinguido pelo Teatro na Década e, daí, transitou para a Bienal. Vão vê-lo hoje ao Pequeno Auditório do Centro Cultural de Belém, às 22h. ■ M. J. G.

O teatro dos jovens

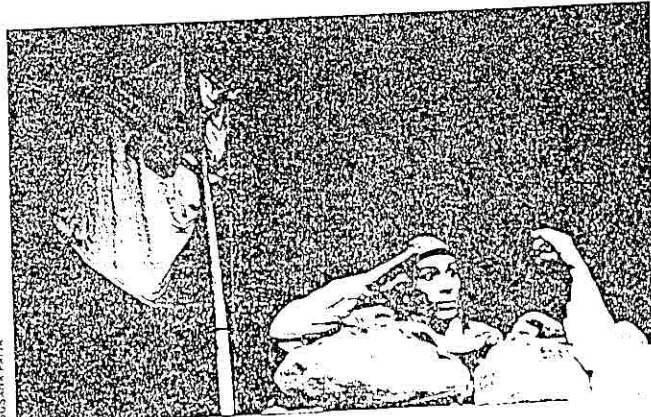
ENCERROU-SE, no dia 24 de Novembro, a apresentação dos espectáculos de teatro incluídos na VII Bienal de Jovens Criadores da Europa e do Mediterrâneo, cujas demais actividades se prolongam ainda até 15 de Dezembro. Constituída por dez espectáculos, três dos quais portugueses (As Troianas, Um Processo e Naque) e os restantes oriundos da Itália (2), São Marino (1), Eslovénia (1), Grécia (1), Espanha (1) e França (1), a mostra era composta de trabalhos escolhidos por um comité internacional integrando representantes dos vários jurís nacionais ou de instituições.

Em Portugal, foi o Clube de Artes e Ideias a entidade mediadora da selecção, através do concurso público «O Teatro na Década» — que não deixou de provocar uma certa desilusão.

Não se pense que este estado de espírito foi provocado por um excesso de zelo qualificador ou por um défice de abertura a surpresa ou à irreverência. Pelo contrário. A mediania mais entediante foi mesmo o que caracterizou boa parte dos espectáculos apresentados. Com, pelo menos, duas excepções: o espectáculo Naque, do Teatro Meridional, e, num registo menos sofisticado, o trabalho Triki-Trake, pelo grupo homónimo oriundo de Sevilha.

Ora, perante o que vimos (e não vimos), lícito nos é inferir, ao menos para fins de especulação teórica, que, se de algum modo pudessemos considerar os espectáculos mostrados como índices credíveis da situação actual da formação e das condições de produção existentes nos países respectivos, mal iria o teatro pela Europa e pelo Mediterrâneo (e bastante razoavelmente por terras de Portugal)... Mas, como tal raciocínio resulta falacioso, passemos ao regime das constatações.

A confusão entre teatro e dança, dança e movimento e conceitos similares — que



A proposta dos Triki-Trake, de Sevilha

permite, por exemplo, o erro da inclusão do incipiente (se bem que fortemente sensual) Fra-Menti, do Grupo Teatro Dança Pico de São Marino, no sector dos espectáculos teatrais — continua a ser a tônica dominante para os criadores à procura de uma linguagem personalizada.

Tal confusão teve, no entanto, pelo menos uma virtude: provar que não é teatro-dança aquilo que, por falta de rigor, de programa, de criatividade ou de qualidade, não pertence a um ou a outro dos territórios. E não deixa de ser curioso que tenham sido justamente os trabalhos menos «radicais» (se é que tal categoria se pode aplicar a qualquer dos espectáculos mostrados) e mais fortemente apostados no «convencional» e «tradicional» trabalho de actor, melhor dizendo, de comediante, a ganhar os louros teatrais desta bienal.

Depois do bilingue Naque, que tivemos já oportunidade de reverenciar como um dos mais comoventes e sublimes espectáculos produzidos recentemente entre nós (por um grupo, não esqueçamos, multicultural e plurilinguístico, com formações e «escolas» diversas), os Triki-Trake fundaram a sua proposta na articulação do registo cabaré-tico com o cómico absurdo de raiz beckettiana.

Trata-se de uma linha de certo modo próxima do El Tricicle, um grupo catalão que tem feito «escola» em Espanha e se caracteriza por uma enorme estilização estética em que a pantomima, as artes do corpo e do circo e a tradição popular do palhaço se interligam num imaginário profundamente contemporâneo, ou dos populares «clowns» italianos Colombaioni — até agora o «hit» dos Festivais de Outono

94, num espectáculo que fez, aliás, digressão por Espanha.

Pôde-se sobretudo constatar a notável formação de base dos jovens actores, muito familiarizados com as técnicas do comediante popular e do «clown» — técnicas que se perdem dramaticamente entre nós, apesar dos esforços de formação levados a cabo pela Escola Profissional das Artes do Espectáculo de Teresa Ricou ou, pontualmente, por actores que se deslocam a escolas estrangeiras de «commedia dell'arte».

Foi igualmente a aposta numa forma de representação centrada na relação actor-público que tornou este espectáculo tão simples (e até com algumas insipiências formais) na proposta mais «interessante» da bienal.

Posto isto, a representação portuguesa terá sido a mais significativa. Apesar de o espectáculo do CITAC, dirigido por Paulo Lisboa, se ter caracterizado por um amadorismo irritante, pese embora a impressiva proposta ceno-plástica e os 15 primeiros minutos de mergulho no universo kafkiano quer Naque quer As Troianas de Elsa Valentim e Maria Duarte conseguiram de mostrar as diferentes vias em que vão laborando alguns dos mais jovens actores de uma certa «fringe» do teatro português.

E finalizaremos assinalando que um das mais graves ausências desta bienal foi dos jovens estudantes das escolas de teatro de Lisboa. Se tal ausência não tiver sido simplesmente fruto de um crónico desinteresse, então os promotores portugueses e VII Bienal não apelaram com suficiente eficácia para este público, que devia ser u dos mais naturais interessados no confronto de linhas de trabalho e na discussão de projectos para o presente.

EUGÉNIA VASQUEZ

RECORTE

DIÁRIO DE NOTÍCIAS DA BIELNAL DE JOVENS CRIADORES

CONTEÚDO

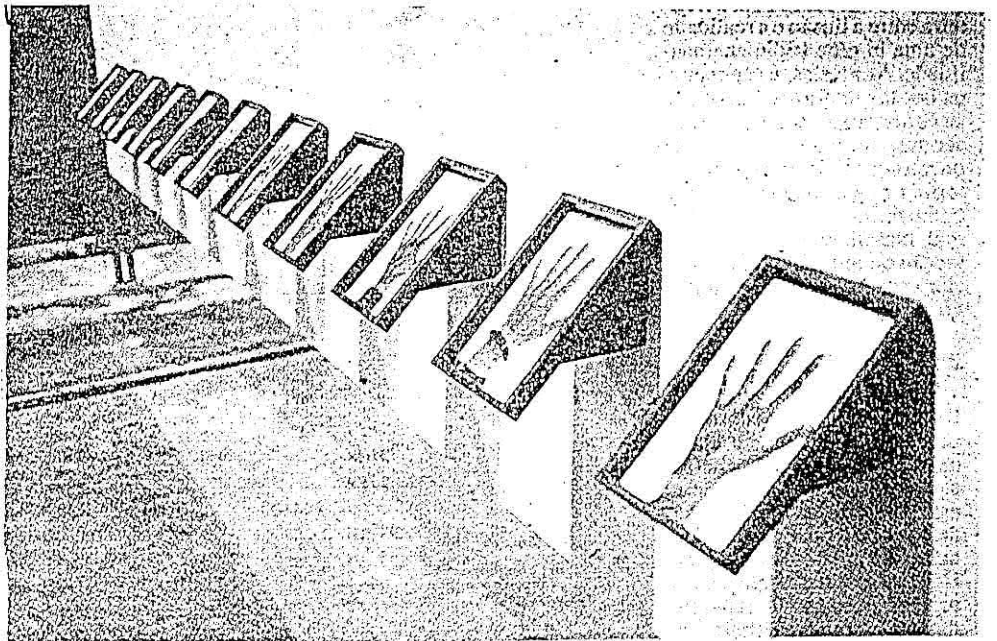
1988

EXIBIÇÃO DE OBRAS

BIENAL DE JOVENS CRIADORES

Cordoaria Nacional

Apresentar cerca de duas centenas de artistas da Europa do Sul e do Magrebe, nas áreas de pintura, escultura e instalação, arquitectura, BD e ilustração, «design», moda, joalheria e fotografia num espaço único, assegurando a visibilidade individual e a diversidade das montagens, é uma proeza que aos responsáveis pela Bienal, e aos seus arquitectos, tem de ser creditada. Os artistas são jovens e desconhecidos, seleccionados por critérios variados e apresentados sem as condições de prestígio imediato que lhes asseguraria um qualquer comissário reconhecido. Assim se proporciona uma oportunidade de experimentar a eficácia individual das propostas e a disponibilidade emocional do observador, ao acaso dos encontros possíveis, sem aspirar a qualquer «ponto da situação» ou «jogo» de reconhecimentos. Entretanto, é óbvio que várias cidades ou países cuidaram da sua representação — Barcelona, Marselha e Montpellier, a Croácia, Portugal, etc — e que o magnífico espaço da Cordoaria se percorre com agrado. Os desenhos instalados de Vanessa Beecroft, de Milão, a instalação de Marcel Li Antunez, da



Fotografias na Cordoaria: jovens criadores

Catalunha, com «cabeças urancadas em êxtase», «poemas de amor» e uma Máquina de Prazer, são presenças que ficam na memória, enquanto no sector da fotografia se encontra uma diversidade de experiências que vem contrapor-se à monotonia obsessiva que agora parece tomar-se regra. (Até 15 Dez.) Na Central Tejo, até dia 30, está uma «bienal off» oficial dedicada à ilustração.

RECORTAR
GRUPO EDITORIAL DE NOTÍCIAS E REPORTAGEM DA AGENCIA LUSA
SERVIÇO DE INFORMAÇÃO E DOCUMENTAÇÃO

Capital (A)

Liberto

217

Edição de Notícias de Brasília

A CAPITAL TERÇA-FEIRA, 22 DE NOVEMBRO DE 1994 31

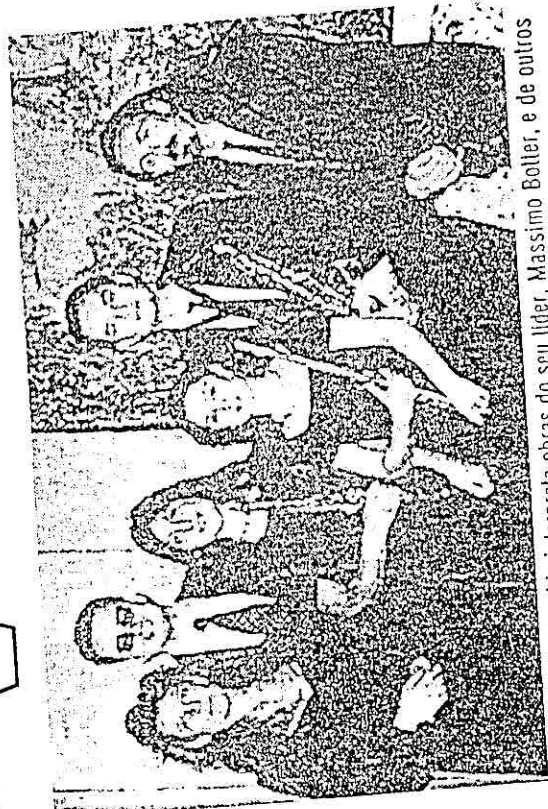
VIVER VERE VIVER

INSUBRIA ENSEMBLE DAS 7 ÀS 9 NO COB

D EPOIS de, no Verão, terem sofrido a "concorrência" de outros espetáculos, também gratuitos mas realizados à noite e no Jardim das Oliveiras, eis que prosseguem ao fim da tarde os Concertos das 7 às 9 no Bar Terraco do Centro Cultural de Belém, hoje com a atuação do Insubria Ensemble, vindo de Milão para participar na VII Bienal de Jovens Criadores.

Liderado por Massimo Botter, este grupo de música erudita premiado durante as suas frequentes digressões internacionais, conta ainda com os jovens compositores Luca Belcastro, Nadir Vassena e Matteo Pennese e com os instrumentistas Samantha Zanusso (flauta), Raffaella Quadri (clarinete), Andrea Formenti (saxofone) e Anna Pedrazzini (piano).

Do programa fazem parte as obras «Kaleidoscope», de Massimo Botter, «Throwaway... TH», de Luca Belcastro, «lhada», de Matteo Pennese e «Nocturnes I-II-III», de Nadir Vassena.



O Insubria Ensemble interpreta obras do seu líder, Massimo Botter, e de outros compositores do grupo

Marto Janeiro 1991
 Lisboa
 Edição de 1991/1992 de 1991

SEGUNDA-FEIRA 21 NOVEMBRO 1991

ARTES

CAFÉ LISBOA ABRE COM DOIS ESPECTÁCULOS DE TERROR NA BIENAL DE JOVENS CRIADORES

Espaço assombrado



«NOSFERATU», o vampiro de Murnau, vai ser acompanhada pelo Poliphon Orquestra do Chaplin, na Café Lisboa

No Café Lisboa, inaugurado com a Bienal de Jovens Criadores, houve alquimistas bicéfalos na semana passada. E, até quinta-feira, vampiros musicais vão distender albos e cruzes durante a apresentação de «Nosferatu». É o começo negro e terrífico de um espaço alternativo, em planos que passam pela televisão. A disposição da vanguarda cultural portuguesa

CATARINA GARYLHO

O CAFÉ LISBOA abre todas as noites no intervalo entre as gravações de programas comercialíssimos nos Estúdios Costa do Castelo em Alcântara. Faz parte dos prazos da Bienal dos Jovens Criadores do Mediterrâneo. Por isso o espectáculo de abertura foi no dia 15, data da inauguração daquele festival. E o bar, num cenário pós-industrial de máquinas (desactivadas) para moldes de gesso, encheu-se de novos artistas. Figuras invariavelmente de preto, da vanguarda cultural.

Este espaço pretende precisamente atingir essa nova elite, que, apesar de fervilhante de ideias, continua a ser «um grupo de pessoas que foram isoladas em Lisboa 94 e não encontram expressão noutra lado», como diz Fernando Pêra, o produtor do Café Lisboa. A ideia de dinamizar um estúdio vulgar de televisão partiu de quatro amigos de áreas diferentes: Paulo Trancoso dos Filmes Costa do Castelo, Hermínio Monteiro da Assírio e Alvim, Fernando Pêra e Rodrigo Leão. «Este sítio já fazia falta. Não é um rockódromo, mas um espaço alternativo de espectáculos para menos de 300 pessoas, ou seja, sem grande expressão comercial.» Para conseguir uma liberdade que permita projectos diametralmente opostos, arrojados e sem preocupações económicas, há que contrabalançar financeiramente. «Aproveitamos um estúdio de cinema mas tentamos uma ocupação diferente.» As primeiras actividades *Acordei Bicéfalo*, de Duarte Barrantes Ruas, e *Nosferatu*, o filme de Murnau acompanhado pela Poliphon Orquestra de Nuno Rebelo, seguir-se-ão alguns acontecimentos promocionais, como o lançamento de *O Amor É Fútil*, o novo livro de Miguel Esteves Cardoso, e a festa/concerto de Carlos Zingaro.

Todas estas operações vão lentamente conduzir a um projecto mais sério: um programa de televisão. Fernando Pêra é pragmático ao contar a estratégia de um plano elaborado com rigor. «Primeiro é preciso cultivar a promoção, depois arranjar patrocinadores. Normalmente um programa cultural vai para a TV2, e como se diz que só tem três por cento de audiência, nunca chega a conseguir um orçamento suficiente para fazer algo interessante.» E as privadas? «Se a SIC abdicar das sondagens da Marktest, que duvidamos muito sejam significativas no público que pretendemos cobrir, talvez mude de mentalidades.» E pode ser que o espaço dê uma ajudinha, reunindo informalmente as três áreas fundamentais, agências de publicidade, televisões e produtoras.

havia a ideia de criar um local de trocas aberto até às quatro da manhã. «O espírito era reunir a dinâmica de 700 malucos a beber uns copos e a trocar cartões-de-visita.» No forno de conzedura devia estar o material promocional, além de circular uma folha informativa. Fernando Pêra explica a colaboração com este certame: «É uma organização com um espírito muito importante nesta fase do País, tem a ver com outros estatutos culturais e políticos.»

Tal como a Bienal pretende ser uma mostra diferenciada de todos os tipos de acções estéticas, também o Café Lisboa reúne, até agora, produções sem escolha prévia, o que pode ser contraproducente. Porque se o espectáculo *Acordei Bicéfalo* prometia inovação, acabou por não dar, gorando as expectativas. Pretendia ser teatro neopático, de pendor esquizofrénico. Muitas palavras interessantes, ditas a maior parte em vídeos fantásticos de Edgar Pêra, para muito pouco conteúdo gramático ou mimicamente espectacular. Dando quase o que de par se esperava da curta mas cheia carreira dos participantes, e justificando críticas de dilettantismo sem profundidade.

A Poliphon Orquestra do Chaplin prossegue o programa de terror até quinta-feira com uma proposta multimédia ao acompanhar o filme *Nosferatu* de Murnau (1922), integrado na Bienal Off. A combinação faz-se pelo lado expressionista das duas obras. Nuno Rebelo, o director musical, salienta a escolha de «eflinhas adaptados a diversas partes do filme: um tema de stress para momentos de velocidade, outro de terror menos ansioso mas mais forte, um alegre e despreocupado e um último melancólico, romântico e triste». Depois o espaço é da improvisação, útil com tocadores que pouco sabem de música. «Resolvemos o problema da parte mais alegre, por exemplo, porque a pianista toca apenas nas teclas pretas.» Antes haverá uma *performance* vampíresca na antessala, a parte exclusiva de Lisboa num espectáculo que tem vindo sempre a mudar desde que foi apresentado em 92 na Dinamarca. «Eu acho que isto ainda tem muito para dar. Adorava fazer o *Nosferatu* com um piano de cauda, tímpanos e uma orquestra.» Para essa evolução pode contribuir a entrada neste festival, pouco convencional, mas quase oficial, de «uma série de gente que me interessava que visse este espectáculo e que vai vê-lo agora, na Bienal».

Dois ideias num espaço gêmeo do festival mediterrânico. Sem pressas, o Café Lisboa, assim como a Bienal, pode contribuir para a essencial escola de novos artistas. E basta ver o que nestes 15 dias se

RECORTE

ORGANIZAÇÃO POLITÉCNICA DE ESTUDOS DA BIBLIOTECA, LDA
SAÍDAS AO SERVIÇO DA BIBLIOTECA PÚBLICA

Correio da Manhã

Lisboa

310

Edição nº 005477 de 18/11/74

MÚSICA

10

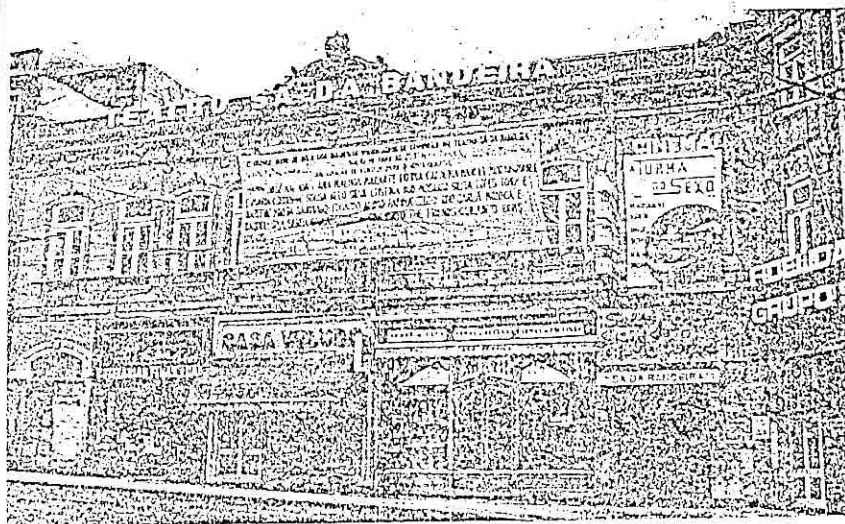
• Meter água - A música na Bienal dos Jovens Criadores da Europa e do Mediterrâneo está representada pelos eruditos italianos do Watermusicduo (19 horas no Mosteiro dos Jerónimos) e pela música moderna do grego Ioanni Peidikis (Instituto Francês Português às 17 horas) e do Gruppo Sanguigno, de Itália (Gartejo às 24 horas).

10

Artes e Vidas

NOVO PROJECTO NASCE NO PORTO

Teatro como "arte total"



Fachada do Sá da Bandeira: será que é desta que anúncios como o que se vê à direita vão finalmente desaparecer?

Não obstante as condições actuais claramente adversas (basta ler as muitas notícias sobre dificuldades várias com que se vêm debatendo muitos grupos de teatro), aqui e ali vão sendo anunciados novos projectos de índole teatral. Agora, chega-nos a notícia da criação de mais um colectivo teatral. Chama-se Visões Úteis, e concebe o teatro como "arte total". O Sá da Bandeira, como espaço ideal, é o seu objectivo.

Conceber uma "arte total", adoptando o teatro como base referencial, é a proposta de Visões Úteis, um grupo recentemente formado no Porto por elementos oriundos do Círculo de Iniciação Teatral da Academia de Coimbra (CITAC).

"O nosso objectivo enquanto proponentes de um novo projecto é procurar aplicar sistematicamente, às montagens e espectáculos, o conceito de "arte total", refere o grupo, que se estreará em Janeiro de 1995 com "As Criadas", de Jean Genet.

No seu manifesto, Visões Úteis assume "partir à procura de novas linguagens", dedicando-se à "função básica da arte e à acção formadora da mesma, ampliando as possibilidades do artista".

"Propomos a procura de uma linguagem própria cuja objectivação implica o rompimento com conceitos e preconceitos. Isto não significa, no entanto, a assunção de uma postura radical. Interessa-nos muito mais ter uma outra vi-

são das coisas, uma maneira de agir imaginativa e criativa, que nos possibilite sínteses originais, válidas, inesperadas, ou seja, visões úteis", acentua. Na concepção da suas produções, o grupo aposta numa abordagem da actividade artística que lhe permita "transbordar os limites do estrito trabalho teatral em direcção a um trabalho de arte-total, onde o teatro, dança, música, fotografia, vídeo, artes plásticas ou performance criam uma relação de equidade, efectiva e homogénea".

"Usar o teatro"

Susana Paiva, fotógrafa e fundadora de Visões Úteis, disse à agência Lusa que faz parte dos propósitos do grupo "utilizar o teatro" para aplicar outras áreas artísticas de forma complementar.

É intenção, criar "instalações" alusivas às peças produzidas, que serão apresentadas como "processo de criação e prolongamento daqui-

lo que é efémero no acto teatral", salientou.

"Conceber a arte como um grande contínuo de coisas e partir do princípio de que não está compartimentada", são outros argumentos a que recorre Susana Paiva para explicar a aposta estética do novo grupo.

Das correntes artísticas contemporâneas, os membros do grupo afirmam-se atraídos pelos movimentos históricos de vanguarda (futurismo, dadaísmo, surrealismo, construtismo), da escola da Bauhaus e da Pop-Art, cujo inspirador foi o norte-americano Andy Warhol.

Assumindo-se como um projecto profissional, Visões Úteis é uma colectividade formada por antigos membros do CITAC e integrantes das suas últimas produções: "Os Olhos" e "Um Processo", recentemente seleccionada para a Mostra do Jovens Criadores da Europa do Mediterrâneo, a decorrer em Lisboa. Quase todos eles interrompem os seus cursos na Universidade de Coimbra (Psicologia, Direito ou Ciências) e mudam-se para o Porto, cidade que consideram com "condições ideais para um projecto artístico se desenvolver".

Em busca do Sá da Bandeira...

De acordo com Susana Paiva, Visões Úteis poderá vir a transformar-se breve-

mente em "companhia residente" do Teatro Sá da Bandeira, caso cheguem a bom termo as negociações em curso. Além de "As Criadas", de Jean Genet (com estreia em Janeiro), pretende levar à cena ao longo de 1995 "Guerreiros da Bagunça", do brasileiro Guto Graça (Fevereiro), "Maria não me mates que sou tua mãe", de Camilo Castelo Branco (Junho) e "O Desespero do Descencontro", uma dramaturgia colectiva do grupo (Outubro).

"Guerreiros da Bagunça", a apresentar em estreia mundial, é uma peça infantil inspirada no idílio clássico "Romeu e Julieta" (de Shakespeare), onde surge como protagonista crianças de bairros de "meninos de rua" que sobrevivem nas metrópoles brasileiras. Por seu turno, a encenação de Camilo Castelo Branco pretende ser uma leitura pessoal da obra, com recurso a uma "determinada linguagem clownesca", preparada para exibição em espaços urbanos.

Paulo Lisboa, membro da Companhia Absurda (Brasil), é o encenador escolhido para as primeiras produções do grupo. Como fundadores da associação e integrantes do elenco de actores aparecem Ana Vitorino, Catarina Martins, João Jesus, Lucinda Gomes, Nuno Cardoso e Pedro Carreira. Susana Paiva é a responsável pela fotografia e Albrecht Loops, pela criação musical.

Festival de Banda Desenhada regressa a Lisboa em 13ª edição

É já na próxima 4ª feira (dia 23), que o 13.º Festival de Banda Desenhada Lisboa/94 irá abrir as portas ao público interessado. Tal evento terá lugar, tal como nos anteriores, no Palácio da Independência - Largo de S. Domingos 11 - Rakso - Lisboa, terminando a organização do Centro Português de Banda Desenhada, que é agora da Sociedade Lusitana da Independência da Arte Portuguesa (SLIAP), Instituto da Juventude, Junta de Freguesia de Amora, Hamangulo e Clube Português de Artes e Ideias (CPAI).

Lisboa seguiu o caminho de todos os festivais que se têm realizado em nosso país: o 1.º Festival teve lugar de 19 a 28 de Março de 1982, enquanto o seguinte realizou-se em 1983, no mesmo local, mas com o apoio da Associação Portuguesa de Banda Desenhada (APBD) e da Sociedade Portuguesa de Artes e Ideias (SPAI), que distinguiram o melhor trabalho realizado no ano (jurado pelo júri de júri) que deu as honras a três quadrinhos. Esses prémios são igualmente atribuídos em Portugal.

Indicados a seguir estão os temas do programa deste Festival, com todos os condicionamentos que lhes são inerentes de carácter geral:

Programa Festival

Dia 26 - das 15h00 as 17h00
Crítica de BD em Portugal (Colóquio)

Qualidades, defeitos, limitações. Um crítico e um elemento importante para a divulgação e valorização da BD?

Onde acaba a tarefa do crítico e começa a do divulgador? E vice-versa?

Críticos não divulgadores portugueses: António Saraiva (Belo), Carlos Pereira (Publico), João P. Bento (Expresso)

Moderador: Geraldes Lima (Luz Progressiva)

Dia 26 - das 17h00 as 19h00
Vendas de planetas amoniacas da Banda Desenhada "Sara" de Vila Verde

Dia 17h00 as 19h00
Sessão solene da entrega dos troféus "Mosquito" e "A Vinheta"

Troféu "Mosquito" - 1.º Pedro Gonçalves da Oliveira, 2.º Melhor Álbum de BD Português (2011) (Prémio a Melhor) 3.º Vencedor Acção Jornalística a BD 93, 4.º Vencedor Portugalês de BD 93, 5.º Argumentação Portuguesa de BD 93

Troféu "Vinheta" - 1.º Melhor BD Portuguesa Não Publicada Inicialmente em Álbum 93, 2.º Melhor Fanzine Português de BD 93, 3.º Vencedor Estudo de Autor Português sobre BD

EXPOSIÇÕES

Com entrada gratuita, todos os dias úteis das 15h00 as 19h00, e dias 26 e 27 (sábado e domingo) das 15h00 as 20h00, estarão patentes ao público as seguintes exposições:

- 1. Carlos Alberto na BD, 2. Ana, 1.º episódio, 3. Vicar Macquid e a Ilha da Bruma, 4. As Freguesias de BD-Crítica e Divulgação na Imprensa, 5. Azul BD Trés, lanterna BD, 6. Como Nasceu e Viveu o Mosquito-Um Quadrinho Português da BD nas Freguesias dos Jovens, Quadrinhos da Europa e do Mundo, Pedro Colares, Miguel Branco, Vasco Gilambo, António Jorge Gonçalves, Fernando Brito, Fernando Martins, II, 40.º Aniversário do aparecimento das revistas Flocas (28 Out. 54) e

Tal (11 Out. 54) e dois álbuns do Cavaleiro Andante (1985, 84) da Flocas e Tód, estes também editados paralelamente a leituras de 1984, 85 e 86.

Feira de Fanzines - Haverá igualmente uma Feira de "Fanzines", onde os visitantes poderão ler acerca de algum material recente ou antigo deste género, bem como de publicações de CP90.

NOVIDADES EDITORIAIS PORTUGUESAS ALBUNS DA ASA

Neste momento se encontram editadas nas planas editoriais dedicadas nas revistas de lançamento de alguns títulos da Banda Desenhada e uma outra, neste caso a Leitura Brasileira, que tem publicado alguns materiais de género, embora que pouco conhecidos. A Medusa (Luz Progressiva) também tem publicado, mas a ASA não deixa de algumas vezes, nos seus números, principalmente de autores portugueses, e caso não antes disso, não queremos deixar de falar de uma nova edição assinada da ASA, que possui o título de

"A Malposta do Rei Feliz" - Trata-se de um volume da série "Os Países Perdidos", a partir de um romance de J. L. Fonseca, com ilustrações de R. Roels, argumentado de J. L. Di Giorgio e contos de A. M. D'Almeida. O tema apresenta-nos cinco jovens aventureiros que vivem uma aventura cheia de perigos e emoção. O traço pertence à escola franco-belga e é agradável de ser apreciada.

No seu conjunto, a obra oferece qualidades. "A Casa da Azinha" é, sem dúvida, uma grande surpresa no campo editorial português de Banda Desenhada. "A Casa da Azinha" de Victor Peon, revista "O Mosquito", em 1989. Há alguns, num período negro, esta história veio a atingir um assustador sucesso. O texto pertence a Victor Peon também, embora no actual

de introdução a esta edição, na altura do Di. Dias de Deus, este facto o retrata para Rui Câmara (na altura Director Língua de "O Mosquito") para fazer uma "mosquito" no momento, uma espécie de que com os nomes mencionados, há, quase tudo o que se publicava nessa altura na revista era corrigido, traduzido, composto, escrito ou reescrito por esse homem incansável, que passou pela vida de uma dezena de leituras, de uma forma simples e acessível. De tal modo que hoje quase ninguém se lembra de os conteúdos, sobretudo, de editoria de banda desenhada e da cultura que se publicava naquela época.

Carlos Lamy e a autora das cores, de todas as planas, em colaboração, há que a obra, inicialmente, não a ser publicada a uma série de leituras e uma lista a não perder.

O Livro - Esta é mais uma obra portuguesa editada pela ASA da autoria de Luis Lemos, "O Livro" contém a história de "Vinheta", um ser magro um "herói" e passa com-labor o crime, com a ajuda de uma história sobre Transição. Com o seu traço de humor, de olhos escuros, percorre a parte os leituras de Lisboa. Até quando?

Luis Lemos nasceu em 1955, em Lisboa. Começou a publicar BD em 1981, em "O Mundo de Aventuras" e "Tablado" (Osso Popular), onde apareceu pela primeira vez a sua personagem "Jim del Monaco".

Os álbuns de "Jim del Monaco" (a preto e branco) são publicados na ASA e BD, pela Editorial Futura. A partir desta altura passa a publicar "Riquetes e Fuzis" e "Jim del Monaco". Em 1989 representou Portugal num espectáculo de TV em Barcelona, com Daniel Ferreira, A. Gostinger, M. Guimarães, Guido, etc.

Foi premiado pelo CP90 com o troféu "O Mosquito" em 1986, "Prémio BD", em 1987 com "A Vinheta" (A Melhor BD) e em 1990, 1991 e 1993 com "O Mosquito" de novo, para os três títulos da série "Riquetes e Fuzis" e "O Melhor Álbum de BD".

Nota: as primeiras referências ao ano anterior do Festival

Curtas metragens na Bienal de Jovens Criadores

«ELECTRICOS» MOSTRA NOVA ORIENTAÇÃO DA ESCOLA DE CINEMA

Um estudante de Direito abençoado por médicos que abandonam os estudos para se tornar guarda-livros é o ponto de partida de «Eléctricos», curta metragem de Pedro Sena Nunes que hoje, às 23 horas, abel no cinema King o programa do terceiro dia da secção de cinema da 7.ª edição da Bienal de Jovens Criadores da Europa e do Mediterrâneo. Protagonizada por João Reis e Rita Loureiro e com a participação de Fernanda Lapa e José Eduardo, a película - com a duração de 14 minutos e rodada em 16 mm - é uma apaixonada incursão na defesa do mais antigo meio de transporte lisboeta ainda em actuação, o velho «camarelo» da Carris, cada vez mais próximo da extinção absoluta.

Depois de «Eléctricos», serão exibidas no King outras curtas metragens de autores portugueses: «Guerra e Paz» de Edgar Pêra, «A Noite São à Rua» de Abi Feijó e «Santa Maria» de Nuno Leonel.

Redado inteiramente em Lisboa, «Eléctricos» marca também a nova orientação seguida pela Escola Superior de Teatro e Cinema (ESTC) no que diz respeito à promoção dos jovens talentos que de lá saem, tendo sido um dos dois primeiros filmes ao qual foi dada a designação de extracurricular, ou seja, como define o realizador, «feito com um pé na escola e outro fora dela, uma maneira de fazer desde logo cinema com carácter profissional e sobreavalição e trabalho em equipa». Numa comparação musical, «pode ser chamado um filme de "garagem"», de onde possivelmente sairá uma boa maquieta», acentua Pedro Sena Nunes.

Apesar de poder ser considerada como uma obra de autor, «Eléctricos» é, como refere o realizador, «propriedade da ESTC e a sua vida futura

depende exclusivamente da vontade dos responsáveis pela escola, de quem espero que promovam o filme da melhor forma». Além, para Pedro Sena Nunes, «a razão da existência de filmes extracurriculares depende inteiramente da maneira como a Escola os promove, já que não se trata de um meio exercicio destinado a arrumar na gaveta», acrescenta.

Gênese difícil

A partir de uma ideia original de João Mataduro, que escreveu o argumento a meias com o realizador, «Eléctricos» sofreu, na linha do que acontece com a generalidade do cinema português, uma gênese difícil. Rodado em Outubro de 1983, e financiado pelo antigo Instituto Português de Cinema, com os apoios da Câmara Municipal de Lisboa, Videocine e numa escola menor, da Lisboa 94, a película poderá ser hoje vista, segundo Pedro Sena Nunes, graças à sua dedicação e à de Emílio Buchinho, director de som e autor da banda sonora.

«Feram dois anos desde que se começou a escrever o argumento até à pós-produção final e foi mesmo obrigada a pôr dinheiro do meu próprio bolso», admite o jovem (de 26 anos) cineasta, que para já, a seguir à Bienal, vai ter a obra para ser exibida nos Esquadrões Intermunicipais de Cinema Documental e Teatral da Maia, Ponta e da Biblioteca Municipal, seguindo-se a exibição na Escola Superior de Teatro e Cinema a curta para a futura da sua película.

Sobre o enredo de «Eléctricos», Pedro Sena Nunes prefere não adiantar muito num convite de seu viscumbente. «A opção de Pedro (interpretado por João Reis, provavelmente em cena no Teatro Nacional D. Maria II na peça "Os Jornalistas") vai desentranhar a sua relação com os pais (Fernanda Lapa e José Eduardo) e com a namorada (Rita Loureiro)».

Diversificação

Pedro Sena Nunes saiu da Escola Superior de Teatro e Cinema há dois anos e desde aí a sua vida profissional tem sido dividida por diversas áreas. O seu filme final de curso, intitulado «Nunca mais Te Livras de Mim» e interpretado por Maria de Aires e Rita Loureiro, foi exibido em 1983 no Festival de Valência (Espanha) e, a este ano no Festival de Telaviva (Israel), tendo, à altura da sua produção, concluído uma in-



João Reis e Rita Loureiro são os protagonistas de «Eléctricos», curta metragem de Pedro Nunes a exhibir hoje no âmbito da Bienal de Jovens Criadores da Europa e do Mediterrâneo

vado na ESTC na forma como foi apresentado o género, intercalado em vez de corrido, quebrando assim um dos dogmas daquela instituição de ensino.

Seguidamente, rumou até Barcelona, onde, no Centre Catalana, considerada a melhor escola de cinema de Espanha, aperfeiçoou-se em realização, área específica in-

existente em Portugal. Em Budapest, integrou a «workshop» mundial de direcção de fotografia e em Berlim participou no primeiro curso europeu de realização em documentário, ainda lhe sobrando tempo para ser o responsável pela imagem do Teatro Mendonça, para fazer vários «spots» publicitários para a Comuna, Teatro Mendonça e Teatro

Nacional D. Maria II e, nomeadamente, ser um dos convidados das Festas de Lisboa de 1992 e 1994. de Pedro Sena Nunes - diz influenciado por nomes distintos como Hui e Leon Carax, Buñuel, Bergman e Bresson - três projectos, um documentário a ser em Trás-os-Montes

RECORTE

ORGANIZAÇÃO PORTUGUESA DE RECORDES DA IMPRENSA LDA
33 ANOS AO SERVIÇO DA INFORMAÇÃO E LECTURA

Pública

Lisboa

350

Edição nº 003716 de 17/11/94

10
A propósito da Bienal de Jovens Criadores da Europa e do Mediterrâneo, há dança hoje para ver na Central Tejo pelas 20h30. Um espectáculo a cargo da Compagnie Monica Francia (Croácia). Ainda integrado nesta bienal, no Instituto Fran-

co-Português (17h) e no Mosteiro dos Jerónimos (19h) realizam-se dois concertos de música erudita contemporânea.

Capital (A)
Lisboa 017
Edição nº 000001 de 15/11/94

10

«ESPAÇO PARA A IMAGINAÇÃO E CRIATIVIDADE SEM LIMITES»

VII BIENAL DE JOVENS CRIADORES ABRE COM MÚSICA PARA BRINQUEDOS

«**E**SPACO para a imaginação e criatividade sem limites», segundo a secretária de Estado da Juventude, Maria do Céu Ramos, e relevando a grande importância, nas palavras de Vitor Constâncio, presidente da Sociedade Lisboa 94, no que toca a «apoiar a nova produção artística e cultural», a VII Bienal de Jovens Criadores da Europa e do Mediterrâneo, para a qual foi decisiva a intervenção em parceria daquelas duas entidades, foi ontem inaugurada oficialmente na sala do refeitório do Mosteiro dos Jerónimos.

Estavam presentes na mesa de honra, para além das citadas individualidades, o presidente do Comité Internacional da Bienal, José Murta Rosa, e o presidente da edição deste ano, Jorge Barreto Xavier, que, antes de usarem também da palavra para os agradecimentos e apresentações da praxe perante representantes do corpo diplomático e diversos jornalistas dos países representados, no certame, assistiram a um concerto bem ilustrativo do espírito da bienal: o Ensemble J.E.R. (José Lopes, Francisco Suspiro, José Manuel

Freire, Armando Pereira e José Eduardo Rocha) interpretou repertório para instrumentos musicais e brinquedos de plástico — nomeadamente clarinete Antonelli, trompete Bonlempf, clarina Honner e violino Chicco, e apitos simulando o canto de pássaros, para além de uma panóplia de outros — onde não faltaram obras de Stravinski, Vianna da Mota e Zeca Afonso, e originais como o Madrigal nº 2 para Clarina Hohner e Coro Ornitológico, todas aplaudidas pela assistência, que não distanciou os sorrisos.

Foi o primeiro de uma série de mais de 40 espetáculos em diversos géneros, envolvendo mais de 300 intérpretes, a efectuar durante a bienal, que se prolonga até 15 de Dezembro.

Depois dos discursos oficiais, passou-se à visita da exposição na Corcoba Nacional, cujos mais de 5000 m2 comportam 600 obras de cerca de 250 artistas, com menos de 30 anos, provenientes de 13 países da Europa e Magrebe, nas áreas da pintura, escultura, instalação, arquitectura, banda desenhada e ilustração, «design» gráfico, industrial e de moda, joalharia, fotografia, e vídeo-instalações.

A meia-noite foi a vez de o teatro se estreitar, com a apresentação, no Café Lisboa, do espectáculo do Teatro Anatómico, «Acordos Bófalio», peça interpretada por

David de Alencar e por Duarte Barreira Ruiu e encenada por este último. Apoiada em filmes de Edgar Pêra e música de Carter Burwell, a peça, em cena até sexta-feira, conta, em ambiente de ficção científica de terror, a história de um alquimista que se transforma, após uma explosão no seu laboratório, num ser monstruoso com poderes desconhecidos.

A mesma hora, na Galp, soube a banda italiana Mao e La Rivoluzione, de Turim, apresentar o som da sua «Pulsobexy/Dança».

Dança, moda, cinema, vídeo, literatura, conferências, reuniões e outras actividades completam o certame, onde haverá ainda, um pouco à margem do evento principal, espaço para uma Bienal OII, dedicada ao desenho de ilustração e às músicas radicais.



No espectáculo de abertura da bienal, o Ensemble J.E.R. interpretou música para instrumentos e brinquedos de plástico



SUGESTÕES

As actividades integradas na Bienal de Jovens Criadores da Europa e do Mediterrâneo animarão com o seu talento alguns espaços lisboetas.

ARTE MEDITERRÂNEA EM LISBOA

Cerca de 650 jovens oriundos de diversos países da Europa Sul e do Magrebe vêm até Lisboa participar na 7ª edição da Bienal de jovens Criadores. O Programa, que tem hoje início, é preenchido, até 24 de Novembro, por exposições de trabalhos em diferentes áreas. Teatro, Cinema, Música, Dança, Literatura, Artes Plásticas, Design, Fotografia, Moda, são algumas delas. O Festival assentou praça no pavilhão da Cordoaria Nacional, à Junqueira. A acção, integrada na Lisboa 94, tem a organização do Clube Português de Ideias, da Bienal de Jovens Criadores da Europa e Mediterrâneo e o Instituto Português da Juventude.



Suzanna Gouveia

A Bienal de Jovens Criadores da Europa e do Mediterrâneo nasceu da tradição cultural de Barcelona, cidade que durante os anos 80 se afirmou com novas tendências de arte. Em 1985 é organizada nessa região castelhana a primeira Bienal. A iniciativa, palco de grande entusiasmo, teve a colaboração de autarquias, governos e associações culturais de muitos países do sul da Europa. A cidade espanhola tentou monopolizar a iniciativa tornando a Bienal um certame onde convergiam culturas mediterrâneas, proposta que desagradou às outras cidades participantes. Assim, a Bienal começou a ter lugar, alternadamente, entre Barcelona e outra cidade, Tossalónica 86, Barcelona 87, Bolonha 88 foram as iniciativas que decorreram até 1988, altura em que o Comité Internacional quebra o ciclo levando a Bienal até Marselha, sem passar por Barcelona. Depois de organizar sozinho a Bienal de 89 e cortar o financiamento, Barcelona abandona o Comité Internacional. À parte estes contratempos, a Bienal começa a ganhar prestígio. Os ciclos de conferências com intelectuais de gabarito internacional, a apadrinhamento do Presidente Mitterrand em 90 (Marselha), e do Príncipe de Espanha em 92 (Valência),

são alguns dos motivos que envaidecem o evento.

A vez de Lisboa

Produzida pela primeira vez por uma entidade privada — o Clube Português de Artes e Ideias — a Bienal 1994 pretende ser um encontro de pessoas de diferentes áreas artísticas, permitindo um diálogo entre os participantes. O certame procura abrir os horizontes à promoção e afirmação dos jovens artistas, promovendo ao mesmo tempo a troca de conhecimentos culturais entre as nações presentes. Segundo Jorge Barreto Xavier, presidente da instituição organizadora "a Bienal é um acontecimento de massas que, até ao presente, se afirmou mais como acontecimento mediático do que como momento de Cultura". Apesar dos obstáculos que se proporcionam, nomeadamente a falta de investimentos financeiros que permitam mostrar o trabalho de jovens artistas em início de carreira, a Bienal continua a ser um encontro de Arte, de promoção e animação das cidades que a recebem.

A arte acima de tudo

O pavilhão ribeirinho da Cordoaria Nacional encheu-se de vida e de talento. Trabalhos de arquitectura, fotografia, artes

plásticas entre outras áreas decoram o espaço.

Os setenta jovens que compõem a selecção portuguesa, estão confiantes de que a participação na Bienal possa ser uma porta aberta ao futuro profissional, já que em Portugal são poucas as apostas neste campo. Só para falar de alguns artistas portugueses participantes, dá-se como exemplo a Ana Paula Cabral, com uma capa de revista imaginária; António Farinha, está presente com o "Alfpa-Beto"; Plácido Alfonso traz um "Taller"; Elisabeth Almeida apresenta uma fotografia com efeitos gráficos; Carla Machado uma colectânea de contos "Os Olhos e as Mãos"; Daniel Gafa a obra literária "Sete Vezes Um" e Maria Duarte e Elsa Valentim a peça teatral "As Troianas", entre muitos outros.

Mas a Bienal 94, não se esgota nas quatro paredes da Cordoaria Nacional. A cultura mediterrânica vai sair à rua com música, cinema, vídeo, teatro, exposições e conferências. Filmes como: "Guerra e Paz" de Edgar Péra, "À La Belle Étoile", de Antoine Desrosières podem ser vistos de 16 a 24 de Novembro no Cinema King. Os espectáculos de música, teatro e dança, terão lugar na Gartejo, no Mosteiro dos Jerónimos e na Central Tejo. Os colóquios, reuniões e conferências têm lugar marcado para o Centro Cultural de Belém. Sob a protecção dos jovens criadores vão ainda decorrer outras manifestações culturais, designadas "Bienal Off". As actividades centram-se em ilustrações e músicas radicais. A iniciativa é repartida pela Central Tejo e os Estúdios da "Casta do Castelo" - Café Lisboa.

Entra de borla na Bienal

O Clube Português de Artes e Ideias e o Jornal Forum Estudante não querem que fiques do fora das actividades lançadas pelo programa da Bienal de Jovens Criadores. Se queres assistir ao desfile de moda que vai ter lugar na Gare Marítima de Alcântara, no dia 18, aparece na nossa sede (Rua do Comércio, nº8) com a revista Forum Estudante de Novembro. Temos 20 bilhetes para oferecer, com direito a duas entradas cada.

Se preferes a música podes ir a um dos concertos na Gartejo com: "Mao e La Revolucionaria" (Idia 15), "Coptic Rain" (16), "Gruppo Sanguigno" (18), "Mayflower" (19), "Pit 8 Duo Rock" (20), "Aroma Thalassi" (21), "Uptown" (22), "Três Tristões Tigras" e "Bizerra Locomotiva" (23). As condições de participação são as mesmas. Mas atenção. Só há 10 bilhetes e vais ter de optar entre a moda e a música, pois quem ganha um bilhete não tem direito a mais nenhum.

01112
 Defunção: 561
 Edição nº 000004 de 15/11/94
 10

BIENAL DO MEDITERRÂNEO TODOS AO MOLHO



O programa da Bienal de Jovens Criadores da Europa e do Mediterrâneo arranca hoje. Durante duas semanas, Lisboa vai poder assistir ao trabalho dos vencedores nas áreas de cinema e vídeo, música moderna, jazz, música erudita contemporânea, dança, intervenção urbana, teatro, moda, fotografia, arquitectura, B.D., artes plásticas, gastronomia e não se ficam por aqui. Ao todo, são as obras de setenta e sete artistas de onze países que vão estar em foco nas noites da capital.

MÚSICA MODERNA

Sempre às 24h00 e no Cortejo. Hoje, dia 15, tocam os Mea e la Rivoluzione, um grupo que vem de Itália para nos mostrar a música que fazem e que qualificam de «PsycoSexyCancer». Amanhã é a vez da Eslovénia mostrar o que vale com os Copie Rain, cujo espectáculo é qualificado como vídeo-performance. Sexta-feira, Itália volta ao palco da Cortejo com o Gruppo Sangugno, um grupo que se define como a fusão de todos os géneros musicais, com predominância para o rock, blues, funk e rap. Sábado tocam os Mayflower da Croácia que, segundo o programa da Bienal, «trazem-nos o som da música moderna que se fez na antiga Jugoslávia». No dia seguinte conta-se em França com os P.R. Dna.Rock, em influências que vão desde o rock às músicas orientais. Segunda-feira, a Grécia invade o Cortejo com o grupo Aroma Thasssi que tocam desde funk até acid jazz. Terça à noite é mais rap à francesa com os Uptown. E depois, chega a vez dos portugueses. O júri da Bienal seleccionou os Três Tristes Tigres (na foto) que se apresentam na quarta-feira na Cortejo, seguindo-se-lhes os Bizerra Locomotiva no mesmo dia. Dia 24, a noite começa mais cedo e em espanhol: às 23h30, primeiro com os Es Pecado (uma mistura de efeitos visuais e auditivos) e depois J.J. Juana, um grupo definido por um crítico musical espanhol como «punk-rock popular possante». A ver vamos.

INTERVENÇÃO URBANA

«Lovecraft escreveu dezenas de contos, centenas de milhares de cartas, estruturando um enigmático panteão de deuses e demónios, cujo nome e forma os homens esqueceram na desmagnetizante Estrada da Amnésia Temporal». É deste modo que Wollenstein inicia a narrativa que dá a linha condutora ao vídeo de Edgar Péra, um vídeo que surge como uma resposta à proposta de trabalho de Duarte Barrilero Ruas, um dos vencedores desta Bienal de Jovens Criadores da Europa e Mediterrâneo no sector de intervenção urbana. Barrilero Ruas propôs a realização de um Diário Autópsico dos Horrores de Howard Phillips Lovecraft, com o título «Acordei Bicéfalo» composto por um espectáculo de teatro. Edgar Péra andava a pensar fazer um vídeo sobre este autor. Uniram esforços e o resultado vai poder ser visto no Café Lisboa, Estúdio Costa da Castelo (nas traseiras do Cortejo, em Alcântara) a partir de hoje e até dia 19, sempre às 22h.

«Acordei Bicéfalo» conta a história de um alquimista que, numa ocidental mistura líquida, origina uma explosão

que o transforma numa criatura monstruosa. De Lovecraft diz Edgar Péra que «ao ir para Nova Iorque por dois anos quase enlouqueceu e transformou-se num ser ainda mais mesquinho do que já era e com um grande ódio a todos os seres. A mitologia de Lovecraft é das mais antigas da história da terra. É baseada em deuses que existiram antes dos homens e cujos segredos foram revelados pelos sonhos dos cadáveres que jazem debaixo da terra».

Um teatro que conta com o filme realizado por Edgar Péra e narrado por Wollenstein a dar mais imagem e a complementar a performance dos dois actores, Duarte Barrilero Ruas e David de Almeida. Ao fundo, a música de Carlos Zingaro a dar o tom ao espectáculo.

CINEMA E VÍDEO

De 16 a 24 de Novembro os cinemas Kimg apresentam os filmes vencedores desta Bienal, sempre às 23h00. De 17 a 24, na Videoteca de Lisboa, podem assistir à retrospectiva do trabalho de seis realizadores seleccionados pela Bienal, são eles: Francisco Ruiz de Infante de Espanha, Eder Santos do Brasil, Robert Cohen de França, Irit Belsky e ainda José Luis Lazano e Edgar Péra. A entrada é livre.

Desta programação destaque para a sessão especial do filme «Nosieratu», de Murnau, acompanhada ao vivo pela Polipiac Orquestra, dia 21, no Café Lisboa.

MÚSICA ERUDITA CONTEMPORÂNEA

Os concertos têm início marcado para dia 17 e prolongam-se até dia 24. O Centro Cultural de Belém, o Mosteiro dos Jerónimos e o Instituto Franco-Português foram os palcos eleitos para a apresentação dos jovens vencedores nesta área. Mas vamos por partes.

No Mosteiro dos Jerónimos, sempre às 19h00, na quinta-feira, actuam o No Quartel, de França. Sexta é a vez dos Westermusicduo, de Itália, sábado os Cinqui So, de França, domingo os Nacer Edaine Chaqili, da Argélia, e na segunda-feira é a vez dos portugueses Virioli, enquanto no terceiro tocam o Tabir Percussion Ensemble, de Espanha.

No C.C.B., integrado nos concertos das 19h00 às 21h00, dia 21 toca Francisco Seco Miguez, de Espanha, dia 22 o Unsubria Ensemble, de Itália, e dia 23, o Quarteto Egan, também de Itália.

No Instituto Franco-Português, dia 17, às 17h00, tocam os Betrontrak, Quarteto de Enzo Fabiani, Milja Vrhovnik-Smekar, da Eslovénia. Dia 19, à mesma hora, é a vez dos Madena City Ramblers Combat Folk, de Itália. Dia 24, Portugal vai-se fazer ouvir através de Tiago Cutilleiro & L'Oréal-Cossée.

TEATRO

De 17 a 24, no pequeno auditório do Centro Cultural de Belém, são apresentadas as peças vencedoras desta Bienal, sempre às 22h00, com excepção para o dia 20, em que o grupo do Teatro Samori, de Itália, apresenta a peça «A Feliceira», às 16h00. De Portugal vamos poder assistir à peça «As Troianas», de Jean Paul Sartre, no dia 17, «Um Processo», de Franz Kafka, no dia 21 pelo Ciac de Coimbra, e ainda «Naque ou Sobre Pielhos e Actores», de José Sanchis Sinisterra, pelo Teatro Meridional de Lisboa, no dia 22.

Nos dias 16 e 22, sobe o pano no Instituto Franco-Português com duas peças, uma de Itália e outra de França, sempre às 21h30.

MODA

Dia 19, às 22h00, o Centro Cultural de Belém abre os portos para a apresentação das Coleções Verão 95 da Seleção de Designers de Moda à Bienal de 94.

Os jovens criadores portugueses presentes nesta apresentação são Anibal Almeida e Maria Gambina do Porto e Ana Rafael de Lisboa.

Pública

Lisboa

350

Edição nº 001711 de 12/11/84

10

Teatro

Intervenção urbana de Duarte Barrilaro Ruas

Gótico, gigante, acrobata e bicéfalo



Começa hoje, em Lisboa, a Bienal de Jovens Criadores da Europa e do Mediterrâneo, que (Lisboa 94 "oblige") decorre na nossa capital, depois de, nos anos anteriores, se ter realizado em Tessalónica, Barcelona, Marselha, Bolonha e Valência. As dez manifestações teatrais propriamente ditas da Bienal têm lugar no Centro Cultural de Belém e no Instituto Franco-Português. Exactamente no primeiro dia, estreia uma "intervenção urbana", espectáculo multimédia com forte carga teatral. Duarte Barrilaro Ruas, o mais acrobata dos actores portugueses (como sabe quem o viu no "Povo das Chuvas Ácidas" ou em "Os Homens"), é intérprete, autor e encenador. Carlos Zíngaro compôs a música e Edgar Pêra concebeu os filmes cibergóticos que são projectados durante a "performance", que se baseia num texto fantástico-científico de Howard Phillips Lovecraft. No capítulo das "intervensões urbanas", a participação portuguesa é reduzida e tem mais a ver com artes plásticas do que com teatro; o que vale a pena é seguir a participação francesa, argelina, croata e italiana — de Turim, vem o Teatro dell'Acqua, que se propõe celebrar (com a ajuda do público) um auto-de-fé no Mosteiro dos Jerónimos, na noite de 23 de Novembro. M.J.G.

ACORDEI BICÉFALO

AUTOR/ENCENADOR DUARTE BARRILARO RUAS A PARTIR DE H. P. LOVECRAFT

COM DUARTE BARRILARO RUAS E DAVID DE ALMEIDA

CAFÉ LISBOA (R. Vieira da Silva, 17). De 15 a 19 de Novembro, às 22h.

RECORTE
 Direcção Nacional de Imprensa e Publicidade
 Rua do Comércio de Artes e Ofícios, 110

Sete
 Lisboa

Edição nº 000697 de 7/11/94

10



criadores invadem lisboa

GERAÇÃO DE ARTISTAS

A Bial de Jovens Criadores da Europa e do Mediterrâneo está em Portugal pela primeira vez. A partir do dia 15 aí têm uma oportunidade única para os novos mostrarem o que valem

LIMITS, UMA OBRA DE PAULO SCAVULLO

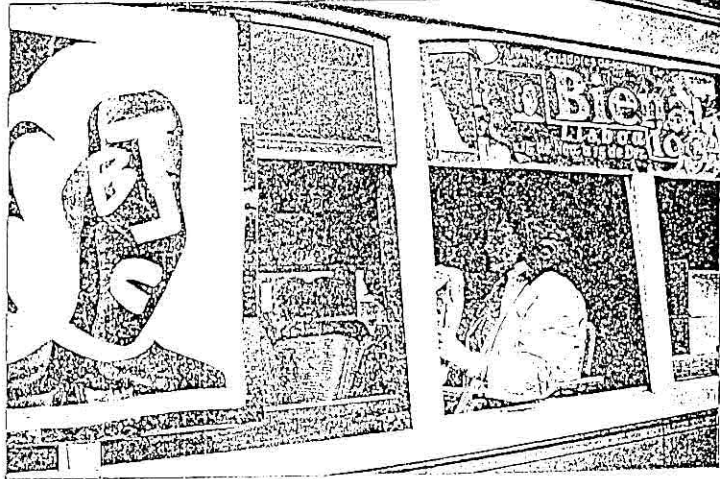
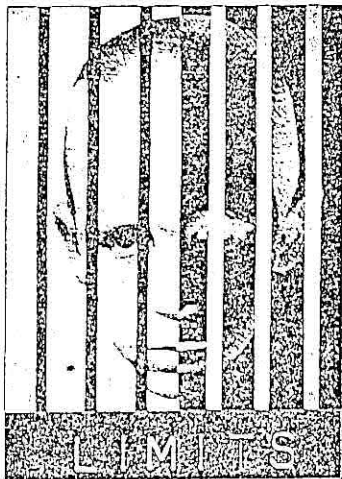


FOTO DE PEDRO SANTA-BÁRBARA

Gente até 30 anos, com fitas na cabeça e vontade de as levar para a frente. Este é o perfil indicado para responder a um desafio chamado Bial dos Jovens Criadores da Europa e do Mediterrâneo. Vai à sua sétima edição e esta é a primeira vez que decorre numa cidade portuguesa, depois do seu arranque em Barcelona, em 1985. O Clube Português de Artes e Ideias organiza a escolha dos representantes portugueses, 65 seleccionados por um júri de entre cerca de 700 propostas. Agora, de 15 deste mês a 15 do próximo, é o público que vai julgar. Para as edições anteriores desta Bial — e porque se realizavam no estrangeiro — a participação portuguesa era designada por um comissariado, que decidia que jovens artistas portugueses iriam lá fora mostrar os seus trabalhos. Os Madredeus, o grupo de teatro O Bando, o estilista José António Tenente, o escritor Fernando Luis, o pintor Pedro Proença e o músico Nuno Rebelo foram alguns dos nomes projectados no estrangeiro. Em alguns casos, isso equivalia realmente ao lançamento de uma carreira internacional. Desta vez, o lugar foi dado aos mais novos. «Esta Bial teve como preocupação fundamental dar prioridade a pessoas que nunca tiveram oportunidade de mostrar o seu trabalho. Lançamos um concurso público, de âmbito nacional, e as pessoas que vamos promover estão, relativamente aos outros participantes, numa fase anterior das suas carreiras», explica Jorge Barreto Xavier, actual presidente do Clube Português de Artes e Ideias

(CPAI). O que permanece inalterável é a vontade de promover estes «artistas desconhecidos» lá fora. O CPAI — entidade organizadora da Bial — está a fazer contactos nesse sentido. «Estamos a tentar trazer a Portugal agentes capazes de promover carreiras internacionais, o que constitui um atractivo adicional óbvio para participar na Bial de Jovens Criadores», afirma. Sobre a qualidade dos projectos vencedores, já é mais reservado. Nem tudo o que se vai ver é muito bom; há coisas apenas razoáveis. No entanto, promete surpresas. Muita coisa para ver, ouvir... e provar. É que o concurso aberto à criatividade jovem recebeu projectos em áreas tão diversas como a arquitectura, a banda desenhada, o cinema e o vídeo, o design... e a gastronomia. Sem esquecer, é claro, as áreas clássicas: a dança e o teatro, as artes plásticas, a fotografia, a música e a literatura, esteve ainda receptivo às ideias na área da intervenção urbana e da joalharia. O modo como as pessoas reagiram ao concurso foi, no entanto, inesperado.

MAO NA PSICOSEYDANÇA

«Estranhamente a música e o cinema foram áreas pouco procuradas pelos jovens criadores... enquanto outras — e aqui destaco sobretudo a fotografia — foram muitíssimo procuradas. Alguns projectos apresentados era autênticas desgraças: pessoas que pensam que tirar umas fotografias no quarto ou fazer uns rabiscos de escola secundária serve para concorrer...» Por outro lado,

muito bom trabalho que com certeza se faz por aí não apareceu a concurso. E Jorge Barreto Xavier diz: «Muita gente não concorre porque tem medo de perder, outros não o fazem porque querem ser convidados... Complexos de estrela.» Seja como for, a mostra está prestes a arrancar com os projectos possíveis e com o apoio da Lisboa 94 e da Secretaria de Estado da Juventude. O orçamento para esta iniciativa foi de 150 mil contos, dinheiro com o qual a Bial financia todos os custos de produção e arranja uma «montra» para o projecto. Os participantes aceitam uma das regras do jogo: não há cachets para ninguém. Durante um mês, a partir de dia 15, muitos são os espaços de Lisboa que vão sofrer a invasão dos criadores — e a zona da beira-rio foi a mais procurada. Todos os dias há novidades: o dia inaugural, terça-feira, 15, é marcado pela cerimónia de abertura (18h30 nos Jerónimos) e pela abertura da grande exposição de artes plásticas, design, arquitectura, fotografia, joalharia, BD e ilustração na Cordoaria Nacional (à Rua da Junqueira). Mais tarde, por volta da meia-noite, a Gartejo — que vai ser um dos palcos mais utilizados na área da música — abre as portas à Bial com um projecto italiano que se afirma como o inventor da psicoseydança. Trata-se do grupo Mao e la Rivoluzione, de Turim, três músicos e um cantor. Para mais novidades e o programa completo não percam a página especial do GUIA-SETÉ a partir da próxima semana.

ANA MARIA RIBEIRO

10

32 ARTES

DIÁRIO DE NOTÍCIAS, SEXTA-FEIRA 28 OUTUBRO 1994

Franco-Português na rota de Ionesco

Para o mês de Novembro, o Instituto Franco-Português aposta no teatro, na música, nas artes plásticas e nos colóquios. Entre as iniciativas, espectáculos no âmbito da Bienal dos Jovens Criadores da Europa e do Mediterrâneo

HENRI YERU, pintor francês cujo trabalho assume formas geométricas em que o negro predomina, inaugurará, a 8 de Novembro, a programação deste mês do Instituto Franco-Português, com uma exposição, que se prolonga até 6 de Janeiro.

Logo em seguida, dia 11, às 21 e 30, representar-se-á a peça *Presença de Ionesco*, *Um Caminhar pela Vida e Obra do Mestre do Absurdo*, com interpretação a cargo de Luís de Lima, nascido em Portugal e considerado um dos grandes actores brasileiros. Traduziu Ionesco e tem mantido viva a obra do autor de *A Cantora Careca* no seu país como no estrangeiro.

Anabela Duarte actuará, entretanto, nos dias 9 e 10, às 21 e 30, no Franco-Português. Apresentar-se-á acompanhada ao piano por José Conrado para cantar *lied*, opereta e ópera. Do programa constam obras de Wagner, Richard Strauss, Verdi, Puccini, Bemberg e Catalini.

Será a vez do jazz, no dia 25, às 21 e 30, com o trio de Sophia Domancich, que conta ainda com a participação de Paul Rogers (contrabaixo)

e Tony Levin (bateria). Realizar-se-á uma série de iniciativas em torno de Louis-René des Forêts, escritor, poeta e pintor pouco conhecido do grande público, homenageado o ano passado no Festival de Avignon. Representar-se-á *Les Grands Moments d'Un Chanteur*, dia 7, às 21 e 30, na Sala-Estúdio Amélia Rey-Colaço Robles Monteiro, no Teatro D. Maria II, e a 8, à mesma hora, no Instituto Franco-Português.

Uma exposição também neste âmbito - a levar a cabo de 2 a 11 de Novembro - será integrada por oito quadros de Forêts, 12 cartas de diversos autores, de Gide a Jean Paulhan, passando por Roland Barthes, Bataille, Perros, Leiris, Edmon Jobès e Michel Camus; uma página manuscrita do seu livro *Bavard*, um desenho a tinta de Raymond Queneau e ainda um livro ilustrado da autoria de Louis-René des Forêts e Pierre Klossowski.

A conferência, «Louis-René des Forêts: le drame de la parole», será proferida por Dominique Rabaté, dia 7, às 18 horas, no Instituto Franco-Português, e a 10 e 11, em

Coimbra e no Porto. A 29, às 19 horas, é tempo de rever *Indochina*, de R. Wagner, com Catherine Deneuve.

Entre as iniciativas no âmbito da Bienal dos Jovens Criadores da Europa e do Mediterrâneo, destaque para as peças *Giovanna*, de Isabella Carlou, pelo grupo italiano Hvolo, e *Teste Sans Sculpture* pela companhia L'Insolite Traversée; e para a actuação, na área da música, do quarteto Enzo Fabiani/Mitja Vrhovnik-Svretkar Ljubljana e de Joanni Peikidis. A 23, às 15 horas, estará em foco o colóquio «Por um Mediterrâneo mais próximo», a inaugurar por Cherif Khaznadar.



▶ IONESCO: mentô-lo vivo é a proposta de Luis de Lima

Cinema jovem, cinema de ruptura

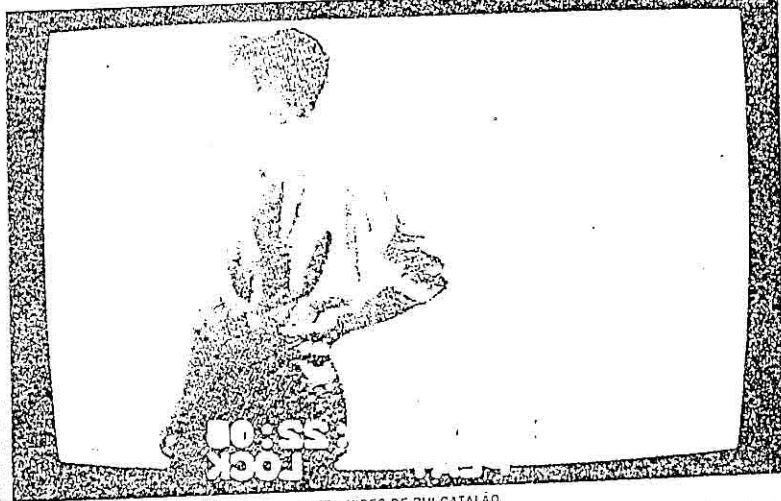
ELENA FERNANDES

mente tão ingénio como os ovos de Páscoa, chamou a atenção da polícia. Mais do que imagens, havia palavras - ou melhor, palavrões. Bastantes. Foram acusados de blasfémia: «Não era um acto anti-religioso, mas, mais uma vez, uma maneira de desmascarar a hipocrisia instalada.» É um episódio revelador de uma terra cuja história recente não é contada apenas ao som das balas: «A Croácia é uma democracia, se fizermos o que nos mandarem», diz Uscic, num riso irónico. Por isso, também, sentem-se, enquanto profissionais, «meros instrumentos técnicos» e, enquanto espectadores de um quotidiano doloroso, «mentalmente mutilados».

Esse quotidiano de guerra inspirou-lhes uma imagem que criticava directamente a FOR-PRONU. Só que, desta vez, o exército das Nações Unidas convidou-os a trabalhar para a organização: «Recusámos. Eles comportam-se como os Aliados depois de ocuparem a Alemanha.»

O mundo, visto pelos olhos dos jovens eretores, é ou não cruel? Boris Kuk e Albino Ursic discordam. Kuk salienta: «Os eretores não só transmitem os seus próprios sentimentos, mas antes a sua visão do que se passa globalmente.» Identidade mediterrânica? Não acreditam. Sphen Bengu é o primeiro cidadão albanês representado na Bienal. Tem 32 anos e é professor na Escola Superior de Belas-Artes em Tirana, onde viveu sempre. Na Corboraia exibem-se as suas ilustrações, mas Bengu também pinta a aguarela e a pastel. Esta e a segunda viagem que faz ao estrangeiro. A primeira foi à Hungria, no Verão passado. Casado com uma estilista, conhece bem as condições de trabalho para os eretores, no seu país. A sua vinda a Portugal deve-se à ARCI, italiana, e uma fundação norte-americana sediada na capital albanesa, a GULP. «Hoje, na Albânia, há uma grande luta pela sobrevivência.» Num inglês mal alinhavado, Sphen Bengu revela como o isolamento político e económico retraiu os albaneses: «Sinto-me tão mal quando contacto com os meus colegas italianos! Eu não sei utilizar um computador. Não há computadores na escola onde eu trabalho. Na Albânia, só as entidades importantes os têm!» Começou a pintar muito cedo. Quando a jornalista lhe pergunta se alguma vez foi pressionado na sua actividade, conta apenas que, há seis anos, teve problemas com a polícia secreta, por ter tido uma conversa mais aberta com um professor francês ligado ao Museu do Louvre.

Manuele Fior é o mais jovem artista plástico da vasta representação italiana. Tem 19 anos e frequenta o 2º ano da Faculdade de Arquitectura, em Veneza. As suas paixões verdadeiras são a BD e a ilustração. O seu trabalho diverge muito da linha condutora das artes plásticas da Bienal. São estórias povoadas por fadas e gnomos - o desejo maior do estudante é ilustrar contos tradicionais. A arquitectura será - só - a profissão. «É muito difícil trabalhar em BD, em Itália. Muito mais do que nos Estados Unidos.» Fior tem repartido o seu trabalho em fanzines e revistas de actualidades, mas não conseguiu ainda publicar um álbum. Não perdeu as esperanças - seria difícil, no seu caso, sobretudo depois de ter recebido o telefonema da ARCI. «Foi óptimo ter sido seleccionado!» Mas as suas opiniões acerca do panorama italiano revelam outras surpresas: «Na Faculdade, são muito tradicionalistas e académicos. Referências? «Atrai-me muito a arquitectura orgânica de Frank Lloyd Wright.» Não é, de facto, o Mediterrâneo que o inspira. Na ilustração e a BD, tal como as suas aguarelas, transparecem, sobretudo, as luminosidades setentrionais e os tons sépia do Outono. E os outros artistas da Bienal? «Estão muito marcados pela materialidade.» Enfim, por um mundo que não é o seu.



VER, VIDEO DE RUI CATALÃO

Quinta-feira, 17 de Novembro, o cine-teatro do Monumental enche-se de pessoas que aguardam a projecção de «A Caixa». É a estreia do último filme do realizador. A plateia faz silêncio para ouvir as palavras de alguém, cuja história se confunde com a própria História do Cinema português: Manuel de Oliveira, cineasta, 86 anos de idade. Num outro lugar de Lisboa, não muito longe, a histéria toma conta de uma massa de gente que tenta entrar na sala n.º 7 do cinema King. Pedro Sena Nunes («Eleições»), Abi Feijó («A Noite São à Rua»), Nuno Leonel («Santa Maria») e Edgar Pêra («Guerra e Paz») abrem nessa noite a terceira sessão do programa de cinema da Bienal. O elevado número de bilhetes mais a quantidade de livretránsitos e convites distribuídos impedem o funcionamento normal da sala. Helena Tavares, responsável pela direcção de cinema e vídeo da Bienal, tenta que Paulo Branco autorize a entrada de todas as pessoas. O empresário recusa, alegando questões de segurança. A situação torna-se insustentável: as pessoas conseguem entrar à força. Helena Tavares consegue finalmente controlar a situação, o empresário cede, a sala enche-se, Oliveira passa o testemunho — É a grande festa do cinema português.

A Bienal começa já no dia 15 com a projecção de «Sette Anni Troppo Lungo» e «Ojalla», mas os seus momentos mais altos acabariam por ser os que não se encontravam previstos no programa. A «noite portuguesa», entre outros, é um bom exemplo disso. Por outro lado a conferência sobre o cinema jovem europeu, um dos acontecimentos que mais expectativas gerava, saiu-se por uma total ausência de debate, de interesse e de público. Os problemas e as conclusões apresentadas resumiram-se a dois assuntos em concreto. O primeiro a constatação

da inexistência, em Europa, de uma estrutura cinematográfica suficiente a nível de produção e distribuição. O segundo a falta de apoio estatal para superar este problema. Os representantes do IPACA aproveitaram a ocasião para referem-se aos projectos de ajuda, do Instituto, à produção nacional. Projectos fantasma, se alicerçarmos que cinco foi o número previsto de filmes subsidiados apontado pelos representantes para o exercício do ano decorrente.

Apesar da enciclosurção dos participantes aos dois assuntos citados, houve lugar para outro tipo de intervenções como a de Massimo Martella, realizador italiano, e a sua ideia de que o cinema jovem é aquele que deve ser capaz de romper com a tradição e de abrir novos caminhos. Massimo Martella provou que era melhor a fazer definições que a realizar cinema «jovem». «Il Tuffo», filme da sua autoria apresentado nessa mesma noite no King, foi um espectáculo decepcionante. Bem filmado e tecnicamente certo, «Il Tuffo» é um daqueles filmes excessivamente correctos, tanto que sofre (e faz-nos sofrer) de tédio, característica comum a todos os produtos nascidos de uma certeza. Tudo o contrário sucede quando se tem o prazer de ver duas obras de envergadura de «La Madre Muerta», do basco Juanna Bajo Ulloa, e «Les Fils du Requim», da francesa Agnès Merlet.

«La Madre Muerta» é o fruto de um cinema que não respira, late, que não apresenta soluções nem pausas, só virulências e pulsões. Se o cinema jovem se caracteriza pela sua ruptura com uma tradição podemos dizer que o filme «La Madre Muerta» não rompe com a tradição porque a sua natureza é ser essa ruptura, antes que representá-la. O realizador basco Juanna Bajo Ulloa é «criador» de um cinema feito de entranhas e de veias, em que as próprias imagens foram a sua existência, num dos mais raros casos de instinto cinematográfico animal jamais vistos. Em «La Madre Muerta» esta força de

imagem atinge o seu ponto mais alto no olhar que Leire (Ana Alvarez), dirige a Ismael (Karra Elejalde) e, posteriormente, a Maite (Lio). Estes dois momentos são os únicos em que Leire abandona a sua passividade. Os seus olhos impedem que ela seja assassinada porque, através deste olhar, deixa o seu papel de vítima e passa a ser o carrasco, não só de Ismael ou de Maite, mas de todos os que, sentados, assistimos à intensidade do seu enigma. «Há algo mau nela» — diz-nos Maite, enquanto Ismael nos mostrará mais tarde a marca deixada por um tiro, que, tal como sabemos, era impossível fallar. As características especiais que rodearam a projecção do filme, a saber, a falta de público que surgia à partida como inconveniente e no fim veio revelar-se como uma vantagem uma vez que propiciou um espaço de perguntas e respostas improvisado pelo realizador, serviram para alimentar o filme com um dos mais mágicos componentes do cinema — O valor de Cuito.

Mas se «La Madre Muerta» é um filme violento, «Les Fils du Requim» é um filme sobre a violência na sua vertente mais cruel, a que carrega aquele a quem retiraram o seu lugar no mundo, privando-o da dignidade que encerra qualquer vida humana. «Je suis le fils de la femme et de l'homme, mais si j'avait eu la chance j'aurais été le fils de la femme du requim», diz — e repetirá —, Martin (Ludovic Vandendaele) de maneira insistente ao longo do filme. «Les fils du requim» é uma poesia de 88 minutos surgida de um equilíbrio limite entre a palavra e a imagem. Vale a pena lembrar aqui duas cenas que forçam esse equilíbrio ao seu extremo. A primeira, e logo no início do filme, quando os dois irmãos assaltam o cinema e põem a funcionar o projector; imagens de peixes povoam a tela do ecrã enquanto ouvimos as palavras de Johan (Erik da Silva): «um dia eu e o meu irmão iremos até ao fundo do mar, onde ninguém possa encontrar-nos, e então desapareceremos para sempre». A segunda, uma das cenas finais, quando, ao passear pelas docas do porto, ambos os irmãos observam um conjunto de homens que, numa mesa de madeira, cortam as cabeças dos peixes acabados de chegar. «Eles sofrem?», pergunta Martin, e a câmara responde com um grande plano da agonia das cabeças de peixes separadas do seu corpo, e o que vemos é a agonia dos inocentes, dos que morreram mutilados pela mão do homem, é a angústia violenta dos peixes, que, tal como Johan e Martin, tentam desesperadamente agarrar a vida que lhes foge e que os rejeita. Nota máxima, portanto, para Agnès Merlet e para Juanna Bajo Ulloa, dois nomes que, junto com o de Teresa Villaverde, affiançam um futuro de ouro para o cinema europeu.

BIENAL DOS JOVENS CRIADORES

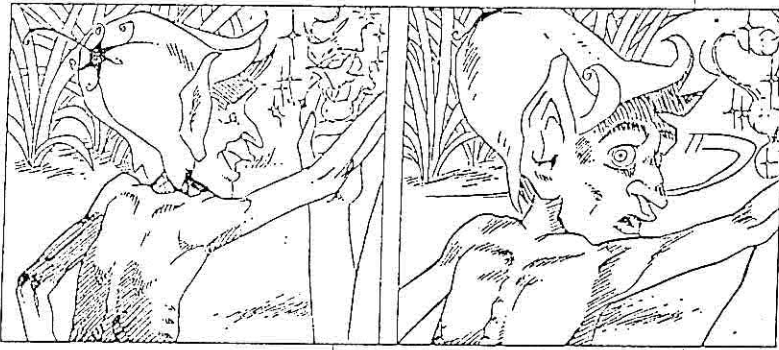
Artes do «Mare Nostrum»

Literatura, cinema e vídeo, música, artes plásticas — tudo isto tem sido mostrado na Bienal de Jovens Criadores do Mediterrâneo, a decorrer até 15 de Dezembro com mais ou menos público, mas com algumas novidades de relevo. Estaremos perante uma geração de inovadores? Quem sabe...

Os problemas dos criadores jovens de hoje são, provavelmente, os mesmos de sempre, e passam todos por uma só questão: sobrevivência. E sobreviver, como é, no Mediterrâneo afectado por conflitos (a Argélia, a ex-Iugoslávia)? O mercado de trabalho e a criação artística andam desincronizados, quer nos países de maior avanço tecnológico quer nos que vivem em situações de maior atraso. Por razões diferentes, claro. Tudo isto já se sabia. O que pouco se suspeitava e que é muito difícil trabalhar em banda desenhada em Itália, um país com tradições tão poderosas nas artes plásticas e no mundo gráfico, em geral. Pensava-se que numa cidade como Zagreb as condições de trabalho não

fossem exactamente as melhores. Mas não se sabia que, apesar disso, o mundo da ilustração e do design continua a mexer-se. Como pouco se sabia sobre a Albânia. Melhor: soube-se que, também nas artes, este era um país fechado sobre o seu próprio umbigo. Ouvi-lo da boca dos próprios albaneses era mais difícil. O «JL» falou com artistas plásticos da Croácia, da Itália e da Albânia, esta representada pela primeira vez absoluta numa edição da Bienal. Albino Ursic e Boris Kuk são designers profissionais e ilustradores croatas e trabalham em Zagreb, onde nasceram. Boris tem 27 anos e Albino, 26. Vêm participando activamente na Bienal desde 1991. Na Escola de Belas-Artes de Zagreb, que frequentavam, conceberam, em 1984, o projecto «Bozesacuvaj» («Deus me livre»). Trata-se da concepção de posters, ligados a campanhas, ou, simplesmente, como

forma directa de intervenção social. Tem-te momento, 40 posters, que definem e enquadram «no nosso tempo e do sítio vivemos». Recorrem com frequência não a imagem fotográfica, mas também à colagem e à poesia visual. Algumas imagens dirigem-se aos «camaleões» da era pós-Tito. Para os res, são todos os que, após uma ligação ao Comunismo, rapidamente viraram as costas às bandeiras vermelhas e seguiram a via-cura do fundamentalismo religioso. A e dirige-se o cartaz provocatório onde, ao de uma menina corada de espinhos e a e gar uma cruz, se pode ler «50 years we live communistic sin, that's why from now 50 y we will fast» («Vivemos 50 anos em pecado comunista, por isso vamos jejuar nos próximos 50 anos»). É também ao ópio do lei religioso que se dirige o poster «Drugs K onde a toxicodependência comparada ao exclusivismo religião. As duas imagens dem ser vistas na mostra de Lisboa. Mas os autores vão avis do que não estão ligados a q quer corrente ideológica específica. De resto, o poster «Drug foi utilizado em apoio a u campanha governamental combate às drogas. A fuga aos rótulos não os imp diu de irem parar à prisão. F em Abril do ano passado, qua do participavam numa expõe ção colectiva no Museu de A tes e Oficinas de Zagreb. U cartaz, sobre um tema aparent



LITERATURA

UMA NOVA ESTÉTICA

MARIA JOÃO MARTINS

Falam de viagens irrepetíveis, e vidas carecendo de destino e de amores em busca da luz própria que as transformará em estrelas. São os poetas e escritores da Europa e do Mediterrâneo que a Bienal de jovens criadores (sem dúvida, um dos acontecimentos mais importantes e consequentes da capital europeia da cultura) trouxe a Lisboa para mostrarem de que são capazes. No momento em que distribuíamos a cobertura das várias secções do certame pela Redacção do «JL», quase me arrependo de ter escolhido a literatura. Afinal, como posso analisar, tão sucinta e rapidamente quanto possível, o trabalho de algumas dezenas de jovens, de origens e culturas diversas, cuja obra — para além da que se apresenta na Bienal — ignoro? A que critérios devo recorrer? O do destaque dado pelos outros órgãos de comunicação está fora de causa. Como, à partida, esperavam os organizadores da iniciativa, esta tem sido a secção menos mediaticada da Bienal. Os holofotes — se os há — incidem sobre áreas mais visuais ou espetaculares como a intensa mostra de artes plásticas, ilustração, banda desenhada, fotografia, arquitectura e design patente na Cordoaria Nacional, ou sobre os espetáculos de dança, música, cinema e vídeo. Para a literatura, montou-se, no passado dia 20 de Novembro, um café especializado de escassa eficácia e fotocopiou-se uma antologia, de circulação restrita. Estamos, pois, no que à literatura respeita, perante uma iniciativa falhada? Pelo contrário. A literatura é, desde sempre, uma arte para o privado, destinada ao recolhimento e às lares acesas. A sua qualidade está, muitas vezes, na proporção inversa da sua mediação. Os jornais, as televisões e o chamado grande público preferiram as outras secções à literatura? Provavelmente, mas isso não retira fôlego ao futuro, que decerto pertencerá a vários dos poetas e escritores agora representados em Lisboa. Por outro lado, uma antologia é um péssimo lugar para se avaliar da importância de autores

desconhecidos. Tudo quanto se recolhe é uma frase de ouro, uma ideia de excepção, que tanto podem augurar um futuro excepcional como não augurar coisa alguma. Mas esse — concluo por fim — é o risco inerente a todas as mostras de arte jovem. Neste jogo, aposta-se e espera-se. Ou seja, eu aposto e espero. O leitor aposta na minha aposta e espera que eu tenha razão. Façamos a nossa atenção nos autores portugueses. São três, com idades compreendidas entre os 27 e os 23 anos. Rui Pires Cabral, 27 anos, vive em Vila Real e é poeta. Daniel Gala, 23 anos, vive em Coimbra e apresenta um excerto (em prosa) do seu trabalho (inédito) «Sete Vezes Um». Carla Machado dos Santos, 26 anos, é de São João do Estoril e apresentou-se na Bienal com um livro de contos, longamente burilado, a que deu o título «Os Olhos e as Mãos» (que li e em que aposto claramente). Convieta de «que, na literatura, mais importante do que as ideias é a linguagem». Carla confessa ao «JL» a sua preferência pelo conto. Af, comporta-se como uma menina no recreio: liberta os sentidos e as possibilidades da linguagem. Mas não enche o papel da disciplina. «Por mais simples que seja, um conto precisa de coesão e de uma estrutura.» «Os Olhos e as Mãos» é, por conseguinte, tudo isso — um trabalho que iniciou há muito e que hesita em dar por acabado. De que se fala nestes contos? Sobretudo de uma das paixões da sua autora: a observação da 3.ª idade. «Os idosos têm, como a juventude, a sensação de vazio, a necessidade de se situarem na vida e de gerir o tempo. Por isso, uns como os outros, sentem uma grande insegurança.» Sem nenhum trabalho publicado, Carla Machado dos Santos aguarda agora que esta presença na Bienal lhe traga a oportunidade desejada. O livro que tem pronto, justamente «Os Olhos e as Mãos», mostra que adquiriu já a maturidade por que se bateu antes de começar a mostrar os seus escritos a terceiros. Senhora de si e da sua vontade, declara: «Quis primeiro aprender a nadar. Neste mar há muitos tubarões.»